

ve embriaguez que nos diz que tudo não está inteiramente perdido.

Toulouse-Lautrec, não importa o que digam seus admiradores póstumos, viveu a frustração insuperável, apenas amenizada pelas cores do seu pincel, pelo cognac de boa safra e pelo contato físico esporádico com alguma jovem bem agradecida. Tinha a esperança que seria reconhecido como um grande pintor? Duvidoso, embora recebesse alguns elogios por seu talento, mas essas foram as flores que adornaram seu monumento fúnebre. Há feridas da alma que não se curam jamais.

Balzac ficou órfão de pai na sua infância e foi rejeitado até sua morte por sua mãe (que preferiu sempre seu outro filho, gerado com seu amante); para compensar em parte está carência encontrou na mesa farta, na cafeína e na criação literária uma saída. Uma saída? Sim, para o outro lado da noite.

De todos os sentimentos negativos, a frustração persistente - entendida como uma constante afetiva - quase sempre termina por levar ao círculo da neurose. Digo quase sempre, pois há pessoas que sabem encontrar compensações que lhes permite reduzir uma carência ou deficiência a uma simples zona vulnerável. "É verdade que não conheci o amor me diz uma mulher de 50 anos - Tive um par de casos eróticos apenas para aplacar os ardores do corpo. Ninguém se interessou por mim. Houve um tempo em que a falta de um carinho nessa área me fez sentir infeliz. Felizmente encontrei uma filosofia de vida (o Vedanta) que me permitiu compreender a essência da realidade. Agora sei que é uma ilusão tola pensar que o amor carnal seja um bem em si. Basta encontrar pessoas com as quais se possa conviver em paz e na mútua consideração. Assim superei o que por anos foi uma fonte de sofrimento".

Existem pessoas que aceitam com estoicismo construtivo suas carências e deficiências (suas zonas estereis), sem sentir-se malogradas, sem apelar para truques e manhas alienatórias. Sabemos que não é fácil escapar à frustração quando não se tem satisfeito as demandas fundamentais do ser humano. Todos temos demandas de afeto, de segurança, de contato e comunicação cordiais, de reconhecimento, de status digno, de realizações efetivas, de autonomia. O atendimento destas demandas é que dá sentido e transcendência à nossa vida. Como dizem os psicólogos, é o que nos motiva (5).

O não atendimento de uma ou duas demandas ainda nos resulta tolerável, dependendo de quais sejam. A falta de autonomia e de reconhecimento é tolerada por muita gente como um mal menor sempre que as outras estejam sendo preenchidas. Muitas mulheres aceitam uma notória sujeição ao marido, e inclusive um afeto restrito, no bem entendido que os outros requerimentos são satisfatórios. De não acontecer assim, havendo várias zonas estereis, o casamento vira um completo fracasso.

Contudo, são incontáveis os que não têm esta aceitação estoica da

adversidade. Por não saber procurar compensações e saídas nobilitantes, terminam entregando-se a qualquer forma de alienação, com tal que diminua o malogro e o desespero.

### 3.0. A hipertrofia de sentimentos ego-sintônicos

3.1) Algumas considerações prévias sobre a auto-estima e a auto-confiança.

Dizíamos que os sentimentos ego-sintônicos são apenas aqueles que confirmam o sujeito em sua potencialidade e seu valor. Neles se expressa a auto-confiança nas suas duas variantes que melhor ratificam as possibilidades do ser humano: o sentimento de poder e liberdade. Neles se expressa o reconhecimento de si como agente de seu destino, o qual pode ir desde a tranqüila auto-estima até a exaltação sintomática de auto-imagem.

Um razoável e até um alto grau de auto-estima indicam que a pessoa está satisfeita com seu potencial, suas capacidades e sua maneira de agir. Não importa que julgue suas realizações como insuficientes, mas provavelmente está confiante nas oportunidades que lhe oferece o futuro, por mínimas que sejam. Não se superestima; percebe seus limites, seus pontos fracos, suas falhas aqui e acolá. Gostaria de melhorar em mais de um aspecto. Talvez se julgue inteligente, mas reconhece que não tem sabido tirar o devido proveito de um potencial tão valioso. É provável que se sinta orgulhoso de ter sabido lidar com alguns infortúnios, mas reconhece também que foi torpe e incompetente em outros. Talvez admita que ainda lhe falta perspicácia e flexibilidade nos relacionamentos interpessoais; com mais jogo de cintura houvesse ido mais longe. Ou com um pouco mais de persistência e disciplina.

Facilmente apontará algumas falhas de seu caráter, mas está contente com seu modo de ser. Contente, embora por vezes se pegue xingando um defeito que ainda não consegue superar (Que raiva! De novo esqueci as chaves dentro do carro! quando me vou a ligar no que estou fazendo!? Ou: até quando me vou deixar manipular por esse espertalhão de meu colega, será que estou perdendo acoragem?)

Não deve confundir-se a auto-estima com o narcisismo, embora este último possa estar embutido no primeiro. A auto-estima reflete o senso do valor que o sujeito dá a sua vida, a seu potencial, a suas realizações; emana da dimensão afetiva e se prolonga até o autoconceito, sem coincidir necessariamente com ele. Na linguagem corriqueira fala-se de amor próprio e de sentimento de dignidade como duas expressões da auto-estima. Acho inadequado falar de amor próprio pois entendo que o amor é algo estritamente transitivo: surge da pessoa em direção a uma outra pessoa. Ninguém se ama a si mesmo, nem ninguém ama coisas, animais, ou objetos - todos eles muito



estimáveis, segundo a experiência de cada qual. O mandamento bíblico "ama a teu próximo como a ti mesmo", provavelmente foi mal traduzido. Deve ser: Estima a teu próximo como a ti mesmo (o que é uma injunção que vale sobretudo para o sujeito: estime-se você e estime também seu próximo).

A dignidade nos exige que sejamos respeitosos com nós mesmos, tornando-nos meritorios do valor que nos atribuímos. O sentimento de dignidade nos indica o que corresponde ou não ao valor que nos atribuímos. Solicitamos um favor, nos subordinamos a alguém, ou nos submetemos a determinadas imposições - tudo isso sem que implique humilhação ou menosprezo da dignidade de cada qual. Como todo sentimento, a dignidade também é variável. Há quem se negue a pedir um favor e menos ainda quer admitir um erro. Há quem se deixa ir para a degradação, terminando como bêbado de sarjeta e como mendigo ocasional. Não é insólito observar a conduta de um amante menosprezado; na ruptura amorosa aquele que ainda permanece ligado solicita a manutenção do relacionamento, mas só até um certo ponto - até onde permite sua dignidade. Nos casos excessivos a dignidade pode estar contaminada pelo narcisismo; então o sujeito se sente ofendido, diminuído, pelo menor risco no cristal de sua imagem. Basta a menor restrição a sua conduta por via de uma simples observação para que reaja com raiva.

Neste ponto, diria eu, reside a diferença entre a auto-estima e o narcisismo. As críticas sempre nos afetam de alguma maneira. Se são injustas, excessivas, mal intencionadas, nos abalam ainda mais. Às vezes nos enraivecemos, pelo menos num primeiro momento. O juízo do outro afeta nossa auto-estima, seja positiva ou negativamente, realçando-a ou diminuindo-a. Mas a crítica - a desaprovação - fere nosso narcisismo; tem um efeito diferente. Questiona nosso modo de ser ou de comportar-nos, nos perturba, nos altera, questiona nossa dignidade. Não fere nossa auto-estima.

O narcisismo é oriundo da representação do ego. A auto-estima nasce de reconhecimento de si como agente de seu valor, de seu potencial, da própria vida. É influenciado pela mera representação e por este motivo não é fácil discernir o que corresponde ao outro. Eu diria que o narcisismo exalta o ego mas não fortalece o self - o ser mais genuíno da pessoa. O narcisismo é pura imagem de si; a auto-estima é a própria afirmação da vida pessoal em seu processo de gestação e desenvolvimento.

O narcisismo é a glorificação do ego; por esta razão se confunde com a auto-estima exagerada e se expressa com toda sua crueza na vaidade e na arrogância, embora possa disfarçar-se sob a roupagem de certa modéstia; mas antes de referir-nos a estas formas da ratificação sintomática de si, vejamos em que consiste a auto confiança.

Talvez não exista uma atitude-sentimento que melhor reflita o grau de congruência e de consistência do sujeito consigo mesmo que a auto-con-

fiança. A confiança emana da fé que a pessoa deposita em suas possibilidades e em seu potencial. A fé é o encontro do sujeito consigo mesmo na abertura de suas possibilidades. Na fé o homem chega a sua autoco incidência, ao enlace do ser e da existência. Este é o enlace primordial.

Não se pense que estou falando como homem religioso, magnificando as virtudes da fé. Estou apontando para seu sentido ontológico. A fé não significa crença fanática em algo, numa causa, num dogma, num sentido religioso; a fé é a luz do espírito. Mas não é meu propósito aqui sair do âmbito da psicologia. Estou simplesmente indicando as raízes da confiança. No âmbito religioso a fé é um pressuposto indispensável pois a religião é a aposta mais extraordinária feita pelo homem - não importa quanto tenham errado as religiões, melhor, os homens dito religiosos.

Tudo indica que existe uma alta correlação entre a auto-confiança e a auto-estima. Quanto maior o grau de confiança pessoal, maior o grau de auto-estima. Inclusive podemos afirmar que a base de sustentação da estima própria é a auto-confiança. Não apenas da estima, mas é a base de sustentação do próprio ser. A confiança é um modo de posicionar-se o ser na sua verdade. Confiar é acreditar que a base de sustentação - o fundamento da existência -, a orientação e os objetivos propostos pela vida são os corretos. Isto é o que nos assegura no vai e vem e nas peripécias de nosso percurso. Se desconfiamos do rumo, dos procedimentos, do potencial que nos impulsiona, dos objetivos propostos, aí então emerge a insegurança. As pessoas confiantes são seguras. O primeiro é a confiança; aí se assenta a segurança. Por isso o homem de fé move e remove montanhas. Não é que nada o amedronte, mas aceita os desafios e os riscos de maneira confiante. Só os heróis míticos não se amedrontam. Ainda o mais audacioso dos mortais vacila, duvida, experimenta insegurança e medo. Em muitas situações o homem confiante se sente inseguro até em peripécias menores. A insegurança surge perante a incerteza, perante o desconhecido, não apenas perante a ameaça certa. Certamente é mais seguro que a média dos mortais, por esta razão aceita os riscos com tranqüilidade de espírito.

Chico Mendes, apenas para lembrar um homem corajoso, sentia que estava correndo um grande perigo ao desafiar o poder dos fazendeiros; a sua vida estava ameaçada de morte; o medo devia tê-lo deixado muitas noites insone, mas continuou sua luta, confiando na justiça de sua causa (6).

Quem desconfia de si também é mais desconfiado com os outros. Experimentar certa desconfiança em relação a determinadas pessoas pode ser algo bastante sensato; com muita gente é preciso tomar algumas precauções. Outra coisa é ser desconfiado: Neste caso prevalece a política da suspeita; o camarada fica em observação, sempre a uma prudente distância, "pois nunca se sabe o que possa aprontar, o mundo está cheio de espertos sempre dispostos a levar uma vantagem em tudo". A desconfiança pode se



tomar um traço caracterial. Acontece com gente que nunca adquiriu uma auto-confiança básica, que além do mais já passou por alguns episódios que lhe mostraram o lado menos amável da natureza humana. É gato escaudado. Como traço exagerado forma parte do tipo paranóide - que são sujeitos que-relantes, sensíveis, com um conceito idealizado e magnificado de si, carregando um forte sentimento de ter sido injustiçados.

Retomemos o fio inicial.

Associada à auto-confiança está uma disposição inerente à condição ativa e intencional da existência: o poder. O poder opera como propulsor e mobilizador da conduta. Nietzsche falava aqui de vontade de poder, entendendo-a como uma força compulsa que leva o sujeito à auto-afirmação. Num sentido lato podemos qualificar este mobilizador como sentimento na medida em que ele é experimentado com disposição afetiva.

O sentimento de poder se experimenta nos diversos planos da existência. No plano corporal como energia, força, vigor; no plano psíquico, como disposição, ímpeto, autoafirmação, espírito de risco e desafio. No plano espiritual (dos valores e da ação construtiva) se mostra com auto-confiança, serenidade perante situações adversas e perante o fracasso, domínio de si, modéstia na posse do poder material e simbólico (econômico, político, religioso). Em todos os planos se apresenta com capacidade para enfrentar as dificuldades, realizar tarefas e superar limitações e barreiras. Neste sentido o poder opera como elemento ativo do potencial que cada qual possui.

Todos esses indicadores do poder pessoal estão presentes na pessoa, em menor ou maior grau. É difícil quantificar o grau, mas pelo menos podemos estabelecer alguma avaliação válida de acordo com um critério racional. Sabemos que o sentimento de poder pessoal não é algo adquirido definitivamente, pois sofre variações segundo seja o desempenho do indivíduo e as realizações que confirmem ou não suas capacidades. Também é verdade que existe um componente corporal que se manifesta com maior vitalidade, força expressiva e auto-afirmação; este componente é de natureza constitucional, estando mais presente no chamado tipo somatotônico ou atlético (segundo a biotipologia de William Sheldon). A maior energia deste tipo lhe dá o ímpeto inicial no processo de adaptação infantil, período no qual as habilidades físicas jogam um papel muito apreciável. É óbvio que o poder presente nas outras duas esferas podem compensar amplamente eventuais deficiências do plano somático, mas uma boa estrutura física proporciona um fator de auto-sustento de primeira importância. Existe também um desenvolvimento e uma descoberta do poder pessoal. Desde os primeiros passos que damos na vida nos vamos defrontando com tarefas, barreiras e dificuldades, tanto no plano do fazer quanto no plano dos relacionamentos interpessoais. Durante toda a infância e adolescência, principalmente, va-

mos adquirindo habilidades básicas, muitas delas pautadas pelo desenvolvimento biológico e os processos maturacionais mas que de qualquer forma requerem um esforço para sua aquisição. Neste esforço vamos tomando consciência das habilidades e capacidades e também das limitações do poder pessoal. Cada tarefa nova, cada situação não familiar nos exige um desempenho que coloca a prova nosso poder. É o que nos permite descobrir nossos pontos fortes e fracos. Os fortes já nos estimulam numa certa direção e os fracos geralmente inibem e fecham certas propostas.

O menino que descobre seu talento para as matemáticas ou para a música é muito provável que comece a cultivar estas habilidades especiais; é provável igualmente que suas dificuldades no campo dos esportes desestimulem seu interesse nessa área. Digo que é apenas provável, pois assim o mostram as estatísticas: a maioria desiste de uma atividade que lhe exige muito com poucos resultados. Contudo, existem também os que se empenham em dobro quando se percebem mal dotados numa atividade ou desempenho específicos, inclusive no caso de apresentarem uma deficiência. Este era o caso de um Demóstenes, considerado um dos maiores oradores gregos, que era gago. Este tipo de exercícios tendentes a superar os obstáculos, é o que uma certa tradição de ensino chama força de vontade, onde "querer é poder". Num enunciado mais geral diria que é no trabalho como atividade propositada que se descobre e se desenvolve o poder pessoal tanto como consciência de si quanto como capacidade construtiva e criadora, tanto como conhecimento do mundo quanto como conhecimento e domínio de si. Falo do trabalho pois ele é a forma socializada, interpessoal e grupal da práxis. O poder emerge assim com saber fazer e como consciência do possível. Sem esta dupla vertente da consciência de si o sujeito permanece escravo subordinado ao outro, a poderes externos; feita esta tomada de consciência torna-se senhor de si - verdadeiro agente de seu potencial. O jovem, para alcançar este estágio precisa de toda sua formação. Ser senhor de si não significa que seja independente dos outros, para agir precisa interagir; para ser precisa ser-com, pertencer a uma comunidade. A independência é apenas relativa. O que o indivíduo consegue é autonomia: direcionar sua vida segundo seu próprio critério. O fato é que o fracasso tende a diminuir o sentimento de poder, e o sucesso o fortalece. "O que não me mata me torna mais forte", dizia Zaratustra, mas poucos são os que podem repetir esta conclusão, a menos que queiram fazer sua escultura. O fracasso é uma demonstração de nossa impotência, não importa quantas desculpas você tenha para amenizar sua queda.

O leitor entende que me refiro aqui apenas ao poder pessoal. O poder político e social - que torna muita gente arrogante, orgulhosa, prepotente, supostamente superior - pode ser ou não a consequência das capacidades individuais. Sei que é bastante comum a idéia de que a máxima amostra do



poder pessoal se daria na sua radiação sócio-política. Porém, sou daqueles que vê no destaque sócio-econômico uma das maiores fontes da deturpação sintomática dos sentimentos ego-sintônicos.

Existe na tradição sufi esta mesma idéia. Conta-se que o califa Harum el-Rachid foi a visitar ao grande mestre Fudail Ibn Ayad (sec.IX) para obter algum ensinamento do sufi. Perguntou ao mestre:

- Já conhecestes alguma vez uma pessoa com maior desapego que o teu? Fudail respondeu: - Sim, teu desapego é maior que o meu. Eu posso desapegar-me do ambiente que me rodeia. Tu te tens desapegado do poder pessoal, que é eterno. O poder sobre si mesmo é melhor que mil anos de poder sobre os outros (Sha, 1967)

### 3.2. Os aspectos sintomáticos dos sentimentos ego-sintônicos

Nada parece mais vantajoso para o desenvolvimento pessoal que a existência de um bom grau na expressão dos sentimentos que confirmam e enaltecem ao sujeito. Nada mais propício para entrar nas vias do malogro pessoal e da neurose que um baixo grau nesta categoria de afetos. Baixa auto-estima e baixo grau de confiança implicam fragilidade e indigência nos dois eixos de sustentação da vida humana.

Contudo, existe neste terreno certo perigo que não pode ser desdenhado nem menos ignorado. Trata-se do perigo da inflação desta categoria afetiva. Nas páginas anteriores comentamos que nem sempre se podia discernir narcisismo de auto-estima. Entendemos que o primeiro é um fator problemático da personalidade relacionado com a exaltação do ego associada a uma notória incapacidade para transferir afetos positivos num sentido interpessoal. O segundo corresponde a um fator de auto-afirmação de si, constituído por três vivências originárias - a confiança, o poder e o sentimento de valor pessoais. Eu diria que este fator forma parte do núcleo básico do sujeito, junto com o egoísmo e o instinto de conservação.

O narcisismo é um fator primário ou derivado? É difícil decidir esta questão. Existe uma tendência à exaltação do ego, entendido o ego como mera representação de si? É o que me parece mais sustentável. Entendo igualmente que não é possível reduzir a zero a representação egóica, pelo menos neste estágio da evolução humana. O ego é um fator primário e inserido neste fator se encontra o narcisismo.

Advertíamos em páginas anteriores que os sentimentos egóicos eram qualificados desta maneira por uma decisão de comodidade lingüística, pois considerávamos estes sentimentos só em parte derivados do ego, principalmente os que denunciavam o narcisismo - em especial, a vaidade, a presunção e a arrogância. Os outros sentimentos emanam do si mesmo (o self), do núcleo mais genuíno da personalidade. Poderíamos dizer que são autogênicos - gerados no centro da pessoa.

### A vaidade como primeiro degrau do narcisismo

Tendemos a justificar ocasionais amostras de narcisismo, mas quando elas se tornam atitudes-sentimentos dominantes as julgamos como uma hipertrofia tola do ego. Ninguém censura uma certa dose de vaidade; pelo contrário, nos parece uma atitude conveniente na esfera da aparência pessoal. Cuidamos da aparência em qualquer aspecto, não apenas para conservar o bom nome, mas sobretudo para realçar um traço ou dissimular um pequeno defeito. Acharmos natural que uma mulher dotada de uma anatomia generosa queira destacar suas formas acentuando alguns movimentos. Não nos surpreende que as pessoas queiram dissimular os estragos do tempo apelando para os truques da cosmética e para os pequenos milagres da cirurgia estética.

Entendemos todos os truques para tomar-se mais atrativo na esfera corporal. As mulheres da Tailândia se esticam o pescoço até 40 cms. colocando-se uma série de argolas nessa região. Assim se sentem mais belas. Os homens de algumas tribos do Xingú (Brasil) se colocam um disco no lábio inferior de modo que este se vai alongando para fora, deixando ao descoberto uma dentadura geralmente serrada. Eles se sentem magníficos com um beijo tão descomunal.

Julgamos natural a enorme diversidade na proposta de embelezamento do corpo. Entretanto, alguns excessos nos parecem suspeitos; não apenas de vaidade, mas de alguma outra forma de patologia. O que levou a Michael Jackson, um jovem negro, a querer tornar seu corpo inteiramente branco, eliminando de seu rosto qualquer vestígio de sua negritude? Não precisamos ser muito perspicazes para compreender sua motivação: essa foi uma forma radical de rejeitar suas origens raciais. Não conseguiu aceitar-se num aspecto tão importante de sua pessoa. E não era um preto mal dotado; era bonito; mais sua fantasia ia mais longe. Desde pequeno percebeu que sua raça era menosprezada numa cultura dominada pelos brancos. Deve ter pensado que se ele fosse um artista famoso essa desvantagem poderia ser superada. Tornou-se uma figura famosa, mas de nada adiantou. Continuava sendo aquele garoto de subúrbio esmagado por seu sentimento de inferioridade. Aí entendeu que ainda tinha outra alternativa: tornar-se como os brancos, pelo menos na sua aparência física. Terrível ilusão de um garoto tímido, transitando desde pequeno pelo círculo da neurose. O único que conseguiu foi converter-se numa espécie de andróide, sexualmente mal definido. Deve ficar horas olhando-se num espelho, apagando com algum gesto o remoto vestígio de sua negritude; mas a realidade é teimosa: você a expulsa pela porta e ela volta a entrar pela janela, não é isso o que ensina o ditado? Pois é, este jovem talentoso na sua arte continua sendo para o mundo um negro que tentou tornar-se branco.



Isso é o que chamamos o malogro pessoal, que nenhum sucesso pode compensar.

A vaidade que aqui comentamos não é aquela do *Coelet*, que vê em tudo o que existe o absurdo e a sombra da morte, a impossível justiça e o esforço inútil (7).

*"Vaidade de vaidade, é tudo vaidade"*

O *Coelet* nos fala da vaidade metafísica, aquela que se formula no nada da existência, enunciada na sentença inapelável de "pó és e em pó te converterás". Comentamos aqui uma das manifestações do narcisismo, do ego deslumbrado por sua própria imagem. Falamos apenas da auto-glorificação e do auto-fascínio.

A maioria de nós é mais vaidoso do que o bom senso aconselharia. Reconhecemos que ela forma parte dos aspectos frívolos e fúteis da vida, o que não nos imuniza contra o juízo dos filósofos e dos monges de todos os credos que sempre a execraram, considerando-a fraqueza de gente fátua. Eu diria que dentro de certos limites ela introduz uma nota de humor e de fantasia na banalidade irremediável da vida corriqueira.

A ostentação é uma outra amostra da vaidade. Esta já é uma forma que nos incomoda e, segundo seja o caso, nos irrita. A pessoa ostensiva quer mostrar seus bens para ser admirada e para deixar em evidência alguma superioridade; neste sentido a ostentação se dá a mão com a presunção. O sujeito pré-assume uma suposta virtude ou valor. Ostenta-se beleza, riqueza, inteligência, títulos, diplomas, prêmios, condecorações.

Todas as formas da ostentação se encaminham ora pelo lado da histeria, ora pelo lado da desconsideração, ora simplesmente pela simples fatuidade. Nalguns casos entra direitinho na megalomania.

A riqueza pomposa não é incomum entre os membros da classe dirigente. Banqueiros, políticos, empresários, magnatas e, às vezes, peixes menores, costumam exibir suas mansões luxuosas, seus carros individualizados, seu padrão de vida incomparável. Um ex-presidente sul-americano, caçado em seu mandato por corrupção, declara, alto e sonante, que gasta mil dólares diários em despesas domésticas, pois vive exilado numa bela mansão, lá na terra do tio Sam. É uma declaração, além de tola, agressiva. Ele é um ex-presidente que governou um país com 70 milhões de pobres e de miseráveis - compatriotas seus que não ganham mais de mil dólares por ano. A mulher de um ex-ditador filipino, Dona Imelda "la pomposa", sabia cuidar de seus pés: tinha mais de mil pares de sapatos, e seu guarda-roupa incluía só etiquetas dos maiores modistas do mundo. Ela, primeira dama de um outro país cuja população anda descalça em sua grande maioria. Agora pergunte a esta distinta senhora sobre as figuras que ela mais admira. Mahatma Gandhi e Madre Teresa de Calcutá, certamente.

O fascínio pela própria beleza é o que define o mito grego de Narciso. Este jovem ficou deslumbrado com sua imagem refletida no fundo das tranquilas águas que apagariam sua sede. Via-se a si mesmo como um outro, que é um aspecto básico da histeria, e não se reconhecia a si mesmo, que é uma característica da psicose. Ficou preso no circuito da egolatria, incapaz de vincular-se verdadeiramente com seu próximo (ou como se costuma dizer, se tornou incapaz de amar). O narcisista é incapaz de vincular-se amorosamente - o que não significa que tenha dificuldades para comunicar-se e contatar; não tem mais dificuldades que o mais comum dos mortais.

Tanto o homem quanto a mulher bela são geralmente narcisistas notórios. É muito compreensível que isto seja assim. As pessoas consideradas belas segundo o padrão cultural são elogiadas e exaltadas desde pequeninas. Na admiração que lhes mostram os outros encontram o espelho lisonjeiro de si mesmos - a imagem. Não esqueçamos que o autoconceito e a auto-estima são altamente influenciados pelo juízo do outro. Com seu olhar, laudatório ou censurativo, o outro vai esculpindo essa efígie de argila que oscila no campo de nossa representação.

Nem todos(as) os belos(as) seguem as pegadas de Narciso, nem os menos dotados estão isentos deste pecado. Em "As Palavras" (1964), Sartre dá a entender que ele se considerava um anjo privilegiado até uns sete anos. Era filho único de mãe viúva, em conseqüência, seu xodó precioso. Usava longos cabelos ondulados e trajes unissex. Para sua sorte, seu avô decidiu que era melhor terminar com esse disfarce: lhe fez cortar seus longos e louros cabelos, deixando ao nu a feiura de seu rosto. Quando me olhei no espelho - escreveu Sartre - vi a figura de um sapo. Ali terminou seu período narcisista, pelo menos nesse aspecto.

Outros ostentam títulos, diplomas, condecorações. Você já reparou na antesala de alguns médicos e advogados? Verdadeira galeria de vaidades. De acreditar na validade de todos esses cursos feitos, de todos esses congressos e Faculdades, de todos esses Simpósios e Mesas Redondas, esse homem é um portento intelectual; uma eminência. Ele nos dirá que em tal Congresso trocou idéias com o Dr. Fleming e polemizou com Linus Pauling. E como se fosse pouco, nos dirá, com um gesto de modéstia, que já teve um convite para lecionar em Harvard, mas que suas obrigações profissionais nesta parte do Continente o obrigaram a recusar. E os curriculum vitae de nossos universitários, mestres em qualquer matéria? Eles são simplesmente magníficos. Causa assombro que seus donos não tenham recebido o Nobel.

O vaidoso se vangloria do que têm; pouco ou muito, quer que os outros admirem seu bem. O presunçoso é pretencioso: pretende mais do que merece ou acredita merecer muito mais do que tem. Não deve confundir-se com o ambicioso, que quer conquistar posições de mais destaque, de mais poder. O presunçoso se julga lesado, passado para trás, porque foi colocado



na segunda fileira do banquete; ele pensa que merecia a primeira fila. Irrita-se com os resultados de um concurso; ele apenas ficou no décimo lugar; pensa que merecia estar entre os três primeiros.

Como na vaidade, uma certa presunção se filtra nas atitudes de todos nós. Não são muitos os que admitem que apenas merecem o lugar que têm. Os outros levaram vantagem porque foram mais astutos; o vizinho se destacou porque sempre jogou com cartas marcadas, só nós jogamos limpos. É uma mistura de presunção e auto-engano. Às vezes não está demais presumir que se possuem determinados poderes, sempre que se tente efetivar de alguma maneira essa pretensão. O problema ressalta quando você se outorga uma importância que não lhe corresponde. Você se pode outorgar uma importância como escritor que ninguém lhe reconhece. Paulo Coelho se declara o maior escritor do Brasil; alega que seus livros se vendem aos milhares, como pão quente em tempos de fome. Só que ninguém entendido em literatura lhe reconhece esse título. Não se julga a qualidade de uma obra por sua quantidade.

Pessoas muito meritórias não escapam à presunção - esta antítese da modéstia. Entre os artistas é bastante comum encontrar esta atitude-sentimento. Lhes resulta difícil elogiar a eventual superioridade criativa de um colega da mesma área. Simples inveja? Também isso. Juan Ramón Jiménez - um bom escritor, embora não tanto como ele pretendia - se enfurecia com o reconhecimento internacional de *Pablo Neruda*. Picasso ficava fora de si perante o fato de outros pintores serem melhor cotados no mercado, obtendo preços bem mais altos por suas obras que as suas.

Parece que estes traços de narcisismo são mais acentuados nos artistas. Se não todos, muitos deles sofrem o *complexo de Pigmalião*, aquele escultor grego que se apaixonou pela bela estátua que ele esculpiu. Acariciava sua obra, a adorava, a tratava como a um ser vivo. Tanta foi sua paixão por ela que se atreviu a pedir aos deuses olímpicos um favor que apenas eles poderiam atender: que outorgassem vida a sua namorada de mármore. Vênus, comovida, atendeu seu pedido. Pigmalião terminou por desposar-se com sua obra, tendo inclusive um filho com ela.

Talvez todo grande artista apenas se despose com sua obra.

Como poderia ser de outro modo? A arte por muito que pretenda refletir as condições da existência num determinado momento de sua história - de um grupo, de uma época - sempre permanece a distância do público, dos hipotéticos beneficiários. O artista é um sujeito solitário em seu *métier*, geralmente mal compreendido, desadaptado. Em que outro lugar se vai encontrar a não ser em sua própria obra? Inclusive o artista de sucesso não deixa de ser mal entendido. Picasso, Dali, Neruda, Rulfo (e todos os premiados com o Nobel) tiveram sucesso. Sucesso de público, aplausos da multidão, mas o que pode significar tudo isso para um artista? Ele sabe que são

poucos os escolhidos, pouquíssimos.

Muitos confundem orgulho com vaidade, mas o primeiro se relaciona com a dignidade e com o enaltecimento de si derivados de obras e comportamentos meritórios; não supõe blasonar nem agitar bandeiras; não precisa de manifestações públicas. Ficamos orgulhosos quando um ser querido - ou de nossa estimação - nos honra com sua atuação. Nos orgulhamos por atos e obras que nos valorizam dando testemunho de nossa virtude.

Enxergar o próprio valor é um passo indispensável para a afirmação de si. Talvez não seja nada extraordinário; apenas temos sido cidadãos relativamente honestos e responsáveis. Nenhum fato notável nos colocou em primeiro plano; nada que nos leve a pensar que somos gente de exceção. Não temos nada de que orgulhar-nos. Há um segundo momento, aí surge um motivo. Alguns se orgulham por serem membros dos setores políticos governantes; isso lhes dá certo destaque social, que eles sabem aproveitar. Outros se enaltecem por sua riqueza, que um pai batalhador soube conquistar. E não faltam os que põem seu orgulho em sua bela aparência, ou numa habilidade especial para tirar vantagem em todos os lances.

São motivos questionáveis; implicam valores muito discutíveis, mas que legiões apreciam como as maiores graças da vida. Poder, riqueza, beleza e algumas habilidades caracteriais é tudo o que muita gente deseja. Não podemos esquecer que os valores dominantes num período histórico, num grupo determinado, influem nos indivíduos desses grupos. O espírito cavaleiresco e a santidade eram valores muito apreciados na época medieval cristã; hoje quase não tem sentido algum. A *sôfrosine* (a moderação) foi a virtude em auge na época de Péricles, na cultura grega - atitude ausente na época homérica. Pertencer a uma família tradicional já foi motivo de orgulho até uns 30-40 anos atrás; com a relativa desintegração dos padrões familiares nas duas últimas gerações essa forma de orgulho se tornou um anacronismo. No mundo árabe a estrita observância do Corão é uma virtude, bem diferente do mundo cristão onde a Bíblia tem menos vigência.

O orgulho, como a dignidade, nos preserva da degradação; constitui a fonte do auto-respeito. Segundo seja a gravidade da situação e das circunstâncias aceitamos rebaixar-nos, reconhecemos nossas faltas, pedimos desculpas, mas sempre procuramos manter um nível básico de auto-valor. "Como filho de mim mesmo - refere-me um camarada - já tive uma luta danada para sobreviver. Realizei uma dúzia de ofícios de baixa categoria, mas em todos eles mantive uma linha de distância e de reserva com meus colegas; nunca me considerei um igual a eles; na época já me atribuía um destino diferente de todos eles. Tudo aquilo era para mim só um estágio, uma espécie de prova - obstáculos para alcançar um patamar mais alto. Essa atitude de tranqüila dignidade e de competência no que fazia me valeu o respeito de companheiros e até dos patrões. Não era arrogante, ou talvez era um pouco, pois



fazia questão de marcar a diferença. Nunca pedi nada a ninguém, embora passasse por períodos de extrema penúria material. Chegará um momento em que toda esta precariedade, me dizia, será um motivo a mais para sentir orgulho de meu destino. Assim passei durante mais de vinte anos. Depois que conquistei um título universitário, iniciei a nova etapa para a qual tanto me preparei. Agora sei que o único que pode me afundar é a doença, pois sei que todo o demais tem um valor muito relativo - dinheiro, amores, amigos, prêmios, primeiros planos. O que importa é a beleza da vida; a beleza da natureza, da arte e de algumas pessoas, não é tudo isso um bem?"

### 3.2. O lado menos amável do narcisismo: a arrogância

Eu diria que há uma escala crescente que vai da vaidade, à presunção e à arrogância. A arrogância é a que mais acentua o narcisismo. O sujeito se arroga um poder ou uma superioridade que ele expressa na sua postura corporal de altivez e também de distância.

Pessoas autoritárias sentem que por direito próprio podem impor-se aos outros, sobretudo quando estão oficialmente investidas de algum poder ou autoridade. Três vivências confluem para gerar esta atitude:

- um acentuado sentimento de poder pessoal;
- a exaltação egóica;
- uma certa distância do outro (que nos casos mais acentuados chega ao menosprezo).

Já mencionamos os aspectos positivos do poder pessoal; o que não comentamos foi seu lado menos amável: sua possível associação com a autoglorificação. O arrogante se arroga um poder que o leva a exaltação de si mesmo, levando-o a uma fantasia de onipotência, de autarquia e de domínio sobre os outros. Nem sempre esta fantasia de onipotência é tola pretensão compensatória. De fato, não faltam os exemplos históricos nos quais verificamos que foi bem sucedida - pelo menos até um certo ponto. Passado este ponto, o indivíduo se extraviou na megalomania.

Eu diria que todos os ditadores entram nesta categoria. Os exemplos mais gritantes são Hitler, Mussolini e Stalin. O Führer associava sua onipotência com a paranóia; Il Duce, com a vaidade e a farsa (a histeria); o homem de aço (Stalin) era provavelmente um psicopata cruel, além de arrogante. Os três se afundaram em sua própria megalomania. Os três careciam de qualquer sentido de humildade. Os três se erigiram monumentos; os três se proclamaram salvadores da humanidade; os três, curiosamente, foram glorificados por seus seguidores. Os três terminaram execrados.

Todo indivíduo ciente de seu poder, seja ou não bem sucedido - e ainda mais se não é bem sucedido - é inclinado a certa arrogância. Pouquíssimos são verdadeiramente humildes, exercendo seu poder com ino-

cência e generosidade, sem outra pretensão que fazer o bem. Os que conquistam um poder efetivo, se até então eram despretensiosos, tendem depois a exaltar-se pelos privilégios conseguidos. Parece que a coroa faz o rei. É fácil constatar que nem toda arrogância é censurada. Vemos como algo natural a arrogância do indivíduo que exerce um poder efetivo. A humildade, ou a simples modéstia, nos resulta surpreendente numa pessoa de primeiro plano na hierarquia social. Julgamos conveniente que os poderosos se rodeiem de um certo fausto e assumam um ar de distância e condescendência.

Não apenas os príncipes (os que dominam os poderes oficiais) mas inclusive os simples chefes acentuam sua diferença ostentando alguns emblemas de sua hierarquia e mantendo um trato formal e sério com seus subordinados. Só em ocasiões especiais descem de sua esfera, levantando as barreiras que os isolam dos mortais comuns.

Não precisamos pensar em figuras de autoridade aureoladas por um prestígio solene, tipo mandarim chinês ou senador da República. Basta que observemos a conduta de modesto policial, cumprindo seu serviço de patrulha. Se você é um simples cidadão, sem ares de um distinto senhor burguês, e lhe pede uma informação o tratará com uma formalidade seca, ereta, com a sobancelha direita levantada, acentuando assim sua importância. Se por acaso você lhe chama a atenção sobre seu comportamento, nada gentil, é provável que o ameace alegando "desrespeito à autoridade". Toda forma de arrogância oculta, com sua suposta onipotência e prepotência, um fundo de fraqueza? Alguns autores entendem que sim. Alegam que quem está seguro de seu poder não precisa marcar sua superioridade com uma atitude altaneira, de queixo levantado e olhar displicente. A arrogância seria somente uma formação reativa: uma tática para esconder justamente o contrário do que se experimenta.

Acredito que esta tese é sustentável nalguns casos. Já se observou que o sujeito de caráter paranóide é - além de desconfiado, inseguro e sensível - notoriamente altaneiro. Mas esta atitude é uma tentativa de manter a cabeça erguida, fora da água, para não afogar-se, mais que o gesto soberbo de planejar nas alturas. Nele é claramente uma atitude defensiva, um disfarce. Algo similar acontece com os integrantes de gangues. Além de baderneiros, valentões e irresponsáveis, são fanfarrões prepotentes e, não raro, abusadores e destrutivos. Fora da gangue mostram o outro lado da efígie - jovens comuns, amíde acanhados.

Na chamada personalidade autoritária - descrita por Teodor Adorno e colaboradores caracterizada pelo autoritarismo, a rigidez e o maniqueísmo na percepção e avaliação das coisas e, sobretudo, pela atitude preconceituosa - também manifesta esta inflação do ego como um disfarce: o indivíduo se subordina a uma autoridade formal, externa por falta de uma autoridade interna - oriunda de um verdadeiro sentimento de poder. Este é o tipo de



personalidade estimulado pelo Estado nazista. O nazismo criou o mito da raça superior, estando destinados todos os outros povos a desaparecer ou a tornarem-se escravos da nação alemã. Até o mais insignificante alemão seria superior ao mais eminente não germânico. Cria-se assim uma ideologia delirante, megalomaniaca, destinada a justificar as piores atrocidades que este povo venha a cometer.

Não estou dizendo que esta glorificação coletiva reflita um sentimento contrário - de inferioridade - por parte do povo alemão. Os fenômenos sociais obedecem a uma dinâmica própria, diferente nalguns aspectos da dinâmica individual. O nazismo montou todo um esquema fantástico de dominação da consciência coletiva mediante a publicidade, a pressão massiva, a exaltação do ódio, o carisma do grande Führer e outros truques não menos efetivos.

Entretanto, a arrogância não se compreende meramente como a formação reativa da consciência diminuída de si. De fato, existem homens poderosos que são levados a glorificar-se pela admiração e subserviência de seus corifeus e pela consciência do ilimitado de seu domínio sobre seus subordinados e dependentes. É verdade que esta atitude se exacerba num terreno propício - o que significa que o sujeito já apresentava esta propensão antes de chegar ao exercício do poder social. Um Napoleon e um Charles de Gaulle nunca foram cidadãos modestos em suas pretensões. Assim que entenderam como se processavam as coisas no reino humano sentiram que a glória os estava esperando, sempre que eles soubessem destacar-se entre seus coetâneos. Os dois se arrogavam um poder extraordinário e se acreditavam merecedores do mais alto destino. Napoleon se tornou um ditador, sem cair nos excessos de um Stalin ou de um Hitler, embora suas campanhas bélicas custassem milhares de vidas. De Gaulle acreditava que o futuro de seu país estava em suas mãos pois era o melhor.

### 3.3. O poder e a arrogância no Zarathustra de Nietzsche

Em outro plano, no âmbito da mais alta inteligência, encontramos um Frederico Nietzsche que também segue uma linha progressiva de auto-glorificação. Talvez o admirador de Nietzsche se irrite porque acentua este aspecto do filósofo considerando que há outros aspectos igualmente importantes mas esta tendência aparece de maneira muito bem definida em Zarathustra, o alter-ego do filósofo. Zarathustra pode ser entendido como o último grande profeta de Ocidente. Aliás, profeta, vidente, iconoclasta e legislador.

Profeta que denuncia a condição humana mostrando que o homem é apenas uma ponte entre o macaco e o super-homem, um ser ainda embrionário.

Vidente com respeito ao futuro próximo, visto como a era do niilismo, da morte de Deus, do afundamento da tradição cristã, do fracasso da ciência como suposto caminho do desenvolvimento humano, da impossibilidade do socialismo.

Iconoclasta, não apenas por anunciar o ocaso dos ídolos - religiosos, sociais, filosóficos, morais - mas sobretudo por denunciar todas as formas de hipocrisia, de covardia, de auto-engano, de estupidez e de fraqueza. O combate de Zarathustra - Nietzsche, o impiedoso (como ele mesmo se qualifica) propõe uma nova tábua de valores; mais ainda, propõe uma inversão de todos os valores. Tudo o que até agora se considerou como o bem lhe parece suspeito, falso, apropriado para gente que busca o consolo de sua fraqueza em outros mundos (o mais além). Zarathustra reivindica a vida natural, a força dos instintos, o egoísmo que se afirma a si mesmo, o exercício da vontade e da liberdade. Zarathustra se opõe ao socialismo e ao cristianismo, considerando-os doutrinas para gente fraca, iludidos por uma proposta de igualdade impossível. Essas são doutrinas para escravos, não para senhores.

Nietzsche sustenta que os homens se dividem em duas grandes categorias: os que mandam e são capazes de exercer o poder, e os mandados, que não têm condições de assumir o mando pois nem sequer têm domínio sobre si. Marx dividia a sociedade humana, na sua fase histórica, em duas grandes classes - os explorados e os exploradores. Os primeiros são os assalariados, aqueles que vendem sua força de trabalho no mercado; o segundo são os donos do poder econômico, os maiores beneficiários do trabalho assalariado. As duas classes estão numa relação de conflito, com apenas momentos de entendimento. Nietzsche também divide os seres humanos em dois grandes grupos: os que exercem o poder, os dominadores, e os que sofrem o poder. Mas não se pense que constituem duas classes sociais, cuja posição está definida pelo modo de atuar nos processos econômicos: isso seria uma repetição da concepção marxista. Os senhores são seres superiores por suas virtudes, as quais os habilitam a desempenhar um papel reitor, de comando, na sociedade. Os comandados merecem sua condição por não terem desenvolvido o poder pessoal que os coloque como criadores, dignos aspirantes a super-homens. Os senhores não são necessariamente os ricos e as elites governantes. Não se trata de dominar aos outros. Trata-se do domínio de si, a grande vontade que desafia todos os perigos. É muito provável que os ricos sejam os menos indicados para se tornarem senhores. As virtudes dos senhores não têm nada de cristão; pelo contrário. Nietzsche propõe a ética do Anti-cristo (um dos livros do filósofo, aliás, leva este título). O homem superior é duro, sem compaixão para os fracos, sem nenhuma autopiedade. Gosta de uma vida intensa; desafiante, perigosa. Não aceita nenhuma proteção externa, nem muito menos dos deuses. Sabe-se contingente e finito, celebrando alegremente sua condição. Afirma a força de seus instin-



tos, sua vontade de luta e o sentido dionisiaco.

Esta é uma síntese muito esquemática de um livro assombroso, impossível de ler sem experimentar os mais diversos sentimentos. Poucos pensadores têm sido mais audazes e coerentes na exposição de suas idéias. Nietzsche dizia que os leitores de sua obra estavam no futuro; e de fato, só uma meia dúzia de seus contemporâneos o fez verdadeiramente. Ainda hoje, um século depois de sua morte, em plena época do cinismo tecnológico, a audácia de suas teses nos assombra.

Ainda hoje, em plena época do niilismo, seu estilo e a perspicácia de seu pensamento nos tocam (e até nos chocam) profundamente. Podemos não concordar com suas idéias, especialmente seu julgamento do cristianismo, mas elas têm o efeito de acordar-nos para questões tremendas do destino humano. Até o mais conformista dos leitores abre os olhos para constatar se não está sonhando. O leitor crítico deve estar perguntando-se se expus todo o anterior para mostrar que Zarathustra-Nietzsche construiu seu mundo pelas vias de uma espécie de megalomania pessoal. Não sustento esta tese. A megalomania na sua forma clínica nos introduz no campo da loucura. Zarathustra é um profeta lúcido, com uma visão profunda e penetrante das realidades humanas, não importa quanto nos incomodem o radicalismo lapidar de suas idéias. O que sim, sustento, é que este personagem nos mostra uma forma de ser que configura os traços distintivos da arrogância:

- Um forte sentimento de poder pessoal - um notório desdém pelos mais fracos - Uma auto-glorificação: "Se por acaso existisse deus, por que não seria eu também um deus?", afirma Zarathustra

Não é uma arrogância tola, mero produto de um ego inflado por título acadêmico ou por triunfos nalguma arte ou esporte - como acontece com tanto idolo popular (tipo Michael Jackson, o eterno menino narcisista). Tampouco é mera exaltação do ego, extraviado em não sei que miragem. No Zarathustra há uma proposta grandiosa, que nos deixa perplexos pelo tamanho de seu desafio e por sua força explosiva. "Eu não sou um homem - escreve Nietzsche noutro lugar - Sou uma dinamite".

Minha idéia é que não podemos julgar com o mesmo padrão diferentes expressões de uma atitude-sentimento, embora nossa maneira simplificada de avaliar os fenômenos nos predisponha a isso. Assim como apreciamos a arrogância dos poderosos como um direito legítimo e desqualificamos essa mesma atitude no sujeito comum, do mesmo modo não podemos julgar a proposta contestatária de um criador, como foi o caso de Nietzsche, como se ela fosse um desvario da razão ou simples catarse de um espírito atormentado e exuberante.

Até agora temos insistido no caráter atitudinal das três expressões mais conspícuas do narcisismo - a vaidade, a presunção e a arrogância. Queremos lembrar ao leitor que a atitude acentua um posicionamento da pessoa em

relação a determinado(s) objeto(s), mas sempre inclui um componente afetivo específico. O sentimento se expressa como uma predisposição para sentir de uma determinada maneira, estabelecendo um relacionamento positivo ou negativo com respeito ao objeto que suscita o sentimento. O aspecto cognitivo da atitude-sentimento sempre se expressa verbalmente ou em forma puramente corporal. Quando Nietzsche escreve alguns artigos com os títulos "Por que sou tão sábio", "Por que escrevo tão bons livros", está expressando tanto seu orgulho quanto sua arrogância, não importa quão verdadeiro seja seu juízo em relação a si mesmo. Concordamos que ele é um grande escritor, mas entendemos que não precisava enaltecer-se dessa maneira.

Não está demais ressaltar-se que somos mais arrogantes e presunçosos que o que expressamos diretamente. Sucede que dissimulamos ao máximo este sentimento pois sabemos que não goza de aceitação no campo social. É como a agressividade, que também a coibimos para não sermos censurados. A vaidade é bastante tolerada em razão de que é bem mais anódina - e por vezes até simpática. Só a vaidade ostensiva dos poderosos perante os pobres nos parece censurável e tola.

Existem, ademais, formas bastante mais sutis de narcisismo, não raro dissimuladas sob um véu de aparente modéstia e despreensão. São pessoas que não se destacam por seu afã de ocupar primeiros planos nem exaltam sua pessoa com jogos de luzes. Mas veja você como reagem quando você lhes faz a mais leve crítica: de imediato se sentem ofendidas a ponto de não querer nunca mais olhar para sua cara. Nem por um momento se detêm a pensar se sua crítica não tinha fundamento. Entre adolescentes esta é a reação mais comum. Essa é uma figura. Observe aqueles que só sabem contar vantagens; tranqüila e discretamente nos referem suas pequenas façanhas, nunca suas gafes, suas tentativas inúteis, suas escorregadas, suas jogadas ridículas. E não o fazem por consideração a você, para não incomodá-lo. O fazem para destacar sua imagem de gente certa. Elas terminaram o noivado, nunca foram abandonadas perto do altar; elas não foram desclassificadas no concurso - cederam o espaço para outros. Eles nunca esperaram a Godot; Godot sempre esperou por eles. (S. Becket, 1952)

#### 4. A presença acentuada de sentimentos ambivalentes

A existência de sentimentos contrapostos referidos a um mesmo objeto é também uma fonte de conflitos. É o que chamamos de ambivalência afetiva. Pode ir desde sua expressão mais simples nos termos de atração e antipatia até culminar na sua expressão mais exacerbada e sintomática no amor-ódio.

Períodos de ambivalência suave são relativamente comuns. Acontecem nos relacionamentos amorosos no período de esfriamento e de dissolu-